



Fernando Machado Silva

o coração estendido pela cidade

Lisboa/Berlim
2014

o coração estendido pela cidade

para ti/für dich

mapa de um coração solitário
(Lisboa)

Praça Olegário Mariano

as mãos tateiam a geometria
da solidão as linhas da madeira

ainda nenhuma aranha te atou
em seus dois fios sinónimos

cobre-se de pó estrelas mortas
esta via de olhos percorrida

tão pouca casa e nela um dédalo
depões o rosto pela máscara

ariana cede-me o teu fio içá-me
à cesta do *navio de espelhos*

ou desce-me um pouco mais
até ser do teu horizonte o horizonte

Rua Heróis de Quionga

conheço a língua dos algerozes
o seu murmurar nos musgos

rumam de boca a boca um nome
pelas negras artérias reticulares

lança um barco de papel
recolhe o afogado

não olhes o azul do seu corpo repara
encontras-te onde a morte te esquece

Jardim Constantino

desterrados de língua e sexo
estes homens estas mulheres

fazem morada no jardim
que és suyo y de los niños

o tempo suspenso em bancos
de cartas batidas e futuro tinto

a estátua pensante vela-os
como o anjo da memória morta

a limitar uma imensa árvore
de raízes à flor da terra onde à vez

os corpos vertem os seus excessos
como se um segredo os sufocasse

tudo isto te aceita estranho
a ti e à tua sombra canina

porém para entrares
tens de perder a fala

Graça

do monte agudo ao da graça
espera-te uma lisboa emudecida

das asas guardas o desejo
és um anjo caído demasiadas vezes

sentas-te no banco onde já tantos
souberam nada aguardar da vida

quando cá chegares do telhado
desta bebedeira ofereço-te o funâmbulo

gato passeando-se ao de lá da vista
um outro cais e a onda nele aportando

o coração a ser partido quando o amor
parte do coração a quem se ofertou

não leves o tempo até à tua morte
a morte pode levar-te antes do tempo

Rua de Santa Apolónia à dos Bacalhoeiros

descemos do clube dos caminhos de ferro
caminhando por este via de pedras

brancas e negras os passos foram o diálogo
por nós tantas vezes silenciado e só agora retomado

política amor e arte que mais há para dois corpos
se entenderem mesmo os livros sagrados

fazem desses conceitos a mão doadora
da vida e da morte o que nos unia porém

era a amizade estreitando-se nestes dias
num país tão próximo dos últimos círculos

da comédia e bastou um olhar da mais terna
ternura para nos lançar justo ao seu limiar

onde os amigos cada um por sua razão
souberam refrear o salto para mais além

caímos fomos incautos aventureiros mas cedo
larguei tua mão olhei para trás novamente

entregando-me à solidão por não saber hoje
deixar uma paixão crescer as suas frágeis raízes

Cais do Sodré

é uma subida ou seja a entrega
dos corpos pela atracção das suas dores

navegamos à superfície da memória
enviando as palavras ao seu mergulho de escafandro

no fundo é sempre de uma queda que falamos
onde o encontro é tão inevitável quanto raro

estamos os dois sentados lado a lado
o frio trouxe esta proximidade

impenetrável os mundos têm
um nome amargo: solidão

Jardim da Estrela

outrora dos coretos bandas misturavam
tímidos pares já de prescritos futuros

hoje incitam à guerra bandos armados de batusques
ribombando pelos corações adentro

vibrando os corpos entregues ao ócio ou à vigília
meio adormecida e alheados das brincadeiras infantis

caloroso gentleman estendo a t-shirt para permanecer
imaculado teu vestido enquanto o tronco se escarifica

com a erva os trilhos mantém quase o desenho original
desta selva cultural erguida no meio da cidade

centenárias árvores plantas arbustos esquadrinhados
com certo rigor pela mão arquitecta de meu bisavô

(poucos canteiros e todavia sinto-me enraizado
e quase livre de laços e origens menos da tua mão)

tirando os charcos os lagos estão romantizados
para encontros leituras desenhos devaneios de charros

e álcool e o amor sonolento na passagem das horas
cuidado poderei parecer um cacto o coração é flor de estufa

Alameda Cardeal Cerejeira

separam-nos a idade a língua a doença e somos ainda
assim estes corpos em apropriação mútua

efectuações da vida plenos de história
trilhos e encruzilhadas do desejo

entre nós confluem-se caminhos fazem-se ligações
confrontamos diferentes lógicas provocamos

breves batalhas entre o comum senso e as sensações
uma dita-nos a distância a outra dá-nos a razão

suficiente para tudo arriscar contra tudo
sabendo-nos sair perdidos e magoados

de que lado queiras jogar toma a minha mão
faça-se a decisão com lisboa por baixo

Praça José Fontana a S° Bento via Praça de Espanha

íamos na rua descendo tantos
anos já sobre setenta e quatro

clamando a sua propriedade furtada
desde antes da sua calcetagem

a raiva por demais silenciada
apertava punhos rostos gargantas

quantos sorrisos em quanta gente
junta como se nada mais houvesse

senão amor a petição da vida a recusa
de se ser reduzido a um número

percorremos a cidade até ao sol
pôr e à noite frente ao palácio

a lei assentou praça na escadaria simbólica
quando o que há são corpos e sua natureza

chovia o que havia à mão de um setembro seco
alguém se imolara diziam ninguém está ileso

da culpa ou da lenta morte oferecida
pelo futuro todos a naufragar na sub-vida

e a tão pouca distância se enfrentaram os nossos
olhos num jogo entre tristeza e vergonha

Arco do Cego

sou eu antes a tua sombra
neste jardim mundo entregue

aos corpos ociosos na flor da idade
circundas tudo marcas reconheces

para logo esqueceres e recomeçar
noutro dia a tarefa paulatina

de criação de limiars e limites
perdes-me encontras-me enquanto

tão invisível fico a quem se deleita
atravessado por alheados olhos

neste triste paraíso roubas os poucos
sorrisos restantes a este rosto admirando

o ceibo a ascendência em verso
e rima do cego poeta dos labirintos

ou descorçoado permanece sentado
enredado na memória que teima em *azulá-lo*

quando partimos e nenhum anjo nos expulsou
já o sol nos cobria os dorsos e os passos menos lestos

recusavam-se a nos levar onde ninguém nos espera
embora deixemos sempre uma janela aberta

Avenida Almirante Reis

é um coração líquido atento
escutas suas sínopes breves dilúvios

os pés vão pelo rasto num arco-íris oleoso
caminhos de nenhures deste alcatrão

ou até a essa casa de livros e cadela negra
onde permanente habita a dor

reduzido à subvida dir-te-ão
um vírus passando e a quem se te aproxima

a cidade entra pelos poros e escorre
espessa pelo ralo e sabes *tudo é mistura*

uma edificação da queda em Sesimbra

nada predizia esse momento da perfeita queda
por entre os ramos do pinheiro justo ao teu ombro
uma luminosidade na tua carne dourada salgando-se de suor

hoje posso dizer
o amor tem o seu lugar específico
a sua distinta morada no mundo:
teu ombro e teu selvagem cabelo
em infantis brincadeiras com o meu desejo

a tua respiração passava pelos meus dedos
e o teu coração palpitava nos meus lábios
vagas enovelavam-se na fraga deste corpo
o mês de julho e seus amenos dias declinava
nessa triste e desabitada casa em que nos íamos conhecendo

perdoem-nos amigos e família
a paixão é egoísta uma pobre eremita
pouco nos interessava a crise
tínhamos fronteiras suficientes dobradas à força
reconhecida somente por aqueles que nada mais têm a perder
senão o amor trágico que sempre nasce perdido

mas fechem os livros esqueçam as histórias
e considerem aqueles dois corpos
num sentimental verão mareado
tendo à mão o luxo e o ócio do tempo juvenil
ambos sentados numa espreguiçadeira
ele de tronco nu recostado
ela pouco mais vestida e costas no seu peito
a sua mão masturbando-a
ambos ébrios de desejo e vinho
até o cansaço os levar à bátega morna do sono

(a eternidade dos segundos a sua duração)

muito pouco tem o amor para construir um mundo
sobre a ruína dessas duas vidas
mas soube edificar um abismo de luz sobre o ombro
para a minha a desamparada e continuada queda

mapa de um coração cativo
(Berlim)

Du kommst mit der Nacht

tu vens com a noite
envolta num véu de silêncio
vens e valsas com teus olhos
ternamente tristes por esta casa adentro

e por estes corredores tomamos posições
nas trincheiras da realidade e do sonho
travando uma batalha perdida antes do seu início

com o despontar da aurora a tua boca abre-se
e a voz gentilmente dissipa a neblina lilás
traçando vias de um ao outro

tornas o teu rosto e sou ave com olhos de cão vagabundo
estas garras prendem-se à asa da máquina que vai para Este

e como um bêbado num coreto
cantando um só refrão digo:

uma estrela tem-me cativo o coração

Abschied vom Tabak

despeço-me dos amarelos e da medida canicular
prende de folhas secas e fegosas

vou aos poucos retirando o *sfumato*
da realidade destes quadros quotidianos

como um ingrato senhorio expulso
os ratos que habitam a rede alveolar

dou largas à apneia aos fluxos e refluxos de ar
maquinando-me pela cidade em bicicleta

e súbito volto ao mundo dos cheiros
o mesmo sendo já outro mais mudo e imundo

uma infância que me vem à boca
a caminho de um outono transfigurado do corpo

Die andere Penelope

e havia tu o mundo e mais adiante
a criança monstruosa portando o meu nome

da sua vida de ilusões esvaziou as vias
restando-lhe o inquérito ao impossível
como modo de atravessar um paupérrimo futuro

nas mãos a decisão de dados com a morte
a (e)terna vencedora
apaixonadamente desde sempre à tua espera

Grunewald und Havel

“great are the sounds of all that live”

Midlake, “Acts of Man”

o amor levita sobre esta manta morta
e arqueia-se ante a tristeza
domando as desiludidas vidas

até caminhar-mos por essa floresta
suspendíamo-nos em pêndulos tensionados
por desencontros e batalhas da vontade

mas altiva e de passo seguro guiando-nos
ao longo da lenta murmurada melodia

destas árvores batidas pelo sol e brisa
o resfolegar da secura de folhas
a saudação de aves
o rumorejar de ondas do largo rio

por inteiro me despiste da trama defensiva
com a imponência de leoa das montanhas
e com teu feminino mistério te enraizaste em mim

Zwischen Hallesches Tor und Admiralbrücke oder Kreuzberg im Herzen

para o silêncio tem-se mãos que dobram o vazio da neve
o contorcer de bandeiras o restolhar de folhas
ou um clarinete vibrando os corações de Berlim

para o amor há o retorno justo ao último
o não mais adiado fazendo por fim do caminho
o seguir em frente a morada a vida em conjunto

o caso já não mais trata de promessas
hoje há a certa prova após tantos desvios e desencontros
e as palavras ferem tanto quanto a inacção

sabemo-nos dois ímanes repelindo
mas nessa distância espraçando-se entre duas cadeiras
nem tu és um muro nem eu um homem oco

reconhecemo-nos enfim esgotados de mãos estendidas
e pelo corpo nos deixamos enrodilhar na tessitura das parcas
e a cada vez da tensão das nossas vidas o ar se electriza e treveja

voltarei a percorrer essas ruas e praças
distritos canais jardins floresta ou os caminhos
do teu dedo mínimo do pé ao amendoado de teus olhos

pois a vida é maior com uma leoa
numa bicicleta de braço dado sob chuva e sol
ou o amor atravessando todas as pontes desta cidade

**Erinnerung an den Beginn, während des Seins im der
Wilmsstraße oder ein Kuss am Fenster**

o reconhecimento deu-se num passo balanceado
entre timidez e intimidação da aventura
de ajustado casaco de linho preto impedindo o vento de abril
de te desarrumar a mobília interior
quase nada no tempo trocado na eternidade das palavras

o começo tão perdido quanto a origem
encerrou-se no pacto de um beijo na janela aberta
dessa casa a que nunca mais voltaremos
com toda a noite e lua de maio impossibilitadas de suster
no peito a revoada de cavalos chispando em galope

estás longe agora fecho os olhos tenho esta memória
e toda a brasa com que me queimaste os lábios se incendeia

Liebe im Schatten eines Olivenbaums

atravessamos o largo rio vogando a superfície
ou suspensos sobre esse esqueleto de ferro
e pela janela o sol cai nos rostos felizes
fazendo-nos esquecer esta condição silenciada

estamos aqui por breves dias perdendo-nos pela cidade
ou entre areia mar e sal mapeando o rumo da língua na pele
e a cada passagem devastas o meu corpo deixando-o
frágil e susceptível aos fantasmas que comigo flanam
procurando a porta por onde possam passar
e arruinar o que lentamente vamos construindo

escuta não temas é só um leve tremor
face aos teus lábios tingidos de vinho
e o exorcismo do sexo amado
esta é uma fraga inquebrável às ondas de más memórias
como agora este amor sob a sombra de uma oliveira

Wieder im Schatten eines Olivenbaums

enquanto as fronteiras teimam em nos separar
cadeias de montanhas rios o tempo
um cristal tardando a data
do tão esperado e final encontro

retorno à oliveira que nos fez sombra
mimo as poses dessa última vez
uma solitária dança em que me sento ou deito
revisitando a tua voz e o vento quente
a tua respiração ausente no meu rosto
até que se me formula uma verdade:

de todas as fronteiras uma não permitirei a sua abolição:

a tua pele fremente mapa mundo da tua vida
onde a minha se extasia e o sentido do toque
se magnífica conquistando sentido

Askese in der Altenbrakerstrasse

há quem pratique a solidão
pega-se na vida com ambas as mãos
inábeis a outros modos de existência
até um sufoco a cegar para o mundo

não se fica mais ou menos puro
tornamo-nos pedras ou árvores
corpos para esquecer passando como o vento
e só ligeiramente arrepiando a pele
de quem a nós se encontra de encosto

silenciados ficam o amor e a amizade
mantidos à distância de um gesto
a cada tentativa devindo intransponível
o gesto a distância

mas nesta ascese o vulcão clandestino de um segredo
pode romper o isolamento do rosto
tal como a solidão dos lábios termina
quando uma boca se abre
ou os teus se juntam aos meus

**Durch St. Thomas Kirchhoff II Weg
oder die Luftwurzeln des Herzens**

o sangue destas folhas não se deixa lavar
pela chuva de Junho
solicitam de ti ao invés o toque sereno do olhar
ou a sensualidade e sensatez do jardineiro

desconheces o nome dessa árvore
a mais humana de frutos rubros e carnudos
à exceção do corpo torcido da oliveira
diversamente desta porém não porta os símbolos
de paz prata ou nó corrediço

quantas vezes se ergue plantada na sua solidão
uma sóbria paixão da natureza
sem fausto feerismos florais

essa árvore és tu disso te convences
quando num dia como o de hoje
o coração se arrasta pelo chão

Der Alptraum in der Urbanstraße

oh como o passado se arrasta e perdura
sobe lenta e profusamente perdendo-se na tua boca
até eclodir enchameando a noite de tensas dores
fúteis frustrações crispando o corpo
fechando o cerco do punho erguendo muros no coração

o que tu dizes o que eu digo
contínuas melopeias de mal-entendidos
nem somos nós os corpos as vozes tão presentes
na dança trágica dessa momentânea paixão
tragando-nos vorazmente apartando-nos

se durante o dia os corvos pairam sobre Berlim
quantas noites crocitamos nós invectivas
negras pedras penetrando e ferindo o imo
porque a desrazão etílica queima a língua
e abre as comportas das barragens do azedume e da fel

avolumadas no dédalo dos sentidos
projectando no ecrã dos nossos rostos macabras máscaras
enquanto a carne se transforma em madeira ou metal
fios brotam de imprevistos nós (e nem somos nós etc...)
e a cidade confunde-se com um cenário de pesadelo

ou teatro de marionetas mal o passado assim investe
e tudo o que era luminoso e aberto em nós
(langorosas paisagens de desejo dando ainda os seus rebentos)
se cala e se esconde até um novo dia ou a assinatura
de um tratado de paz selado com beijos musculados

o que das nossas vidas se nos opõe um ao outro?
que aprendizagens ergueram essas obstinadas
defesas que teimam e em tensão espreitam
em surdina pelo gesto palavra atitude ou hábito
abalando o mundo até o soltar dos seus eixos?

que limite têm esses espaços interiores onde somente
o que de nós habita no outro passa e percorre
clandestinamente como predador e presa
acolhendo o inimigo para melhor agredir o amado?
e no entanto move-se poder-se-ia dizer do amor

precisamente por entre as injúrias os silêncios os burburinhos
quando a fera amansa numa prolongada inspiração
e o corpo se entrega ao cansaço
não do combate mas do seu contínuo embate
no indelicado quarto em que se vê encerrado

não posso adiar o amor foi dito e nós
sabêmo-lo sentindo-o fulgir
atravessando-nos como um cometa o céu
até que nos reconhecemos já nós dessas trapaças
cortados os fios recuperada a carne o coração batendo

e murmuramos como se rezássemos *tudo isto foi um pesadelo*
eu vou acordar eu vou acordar eu vou acordar
e sim despertamos como um desmaiado
por entre destroços e mortos após um bombardeamento
e tudo é estranhamente familiar

mas talvez tenhamos ido longe demais
e a cada vez retomamos desse ponto avançado cada vez mais
cegos e esquecidos das nossas verdadeiras vontades e intenções
porque o meu lamento é de amor não de ódio
é uma canção triste de alguém que perdeu o fio e o busca

e não quer perder o que já perdeu e hoje
tem a clarividência de que o amor não se aprende nem uma
[relação
é diferente pelas passadas a cada vez e sempre é a novidade
brotando dos corpos demasiado doentes pelo passado
mergulhando-os nos fantasmas da repetição

An der Jannowitzbrücke verloren

uma das virtudes esquecidas pela história da
humanidade encerra-se no teu rosto
quando o sorriso envergonhado com a tua mão
se esconde e o marfim dos dentes fosse então a fonte
da qual só o nómada pudesse afogar a sua sede

dobras as sobrancelhas em dúvida ou inquirição
e o amendoado dos teus olhos arqueia-se onde eu
seguindo caminho atravesso quase esgotado
apenas para me continuar a perder
(acreditarias se te dissesse tens vantagem sobre Berlim

comparando as vezes onde em ambas me perdi)
por onde vais nunca perdes o norte desde criança
és a tua própria rosa dos ventos ou estrela da manhã
perceberás alguma vez a ventura de quem não tem fio
e simultaneamente é Teseu e Minotauro e tu o seu Dédalo

cruzo as pontes desde essa sobre o Landwehrkanal
em que os nossos nomes se encontram encadeados
até à de Jannowitz onde o sol se põe em frente
desse bar e praia improvisada sobre o Spree
sei o percurso construo por cima desta cidade

um outro mapa de sons barulhos cheiros
e todo eu sou a bicicleta e entre os pés e o coração
se estende a corrente que matraqueia uma estranha
música de inusitado ritmo brotado de entre os dois
sim em Jannowitzbrücke estou perdido preso no teu perfil

Von der Natur des Tageslichts in der Prühßstraße

multipliquem-se os meios progrida-se na tecnologia
e na velocidade da presença à distância
a comunicação permanece uma ilusão
perante a colisão de vidas egoístas
calando e envergonhando o amor com línguas de pedra

repara como de um umbigo se expande um território
pleno de desejos sonhos experiências marcas
perfazendo uma história a que chamam vida
e em torno dela há quem erga muralhas postos fronteiriços
com seus vigias guardas juízes executores para a defender

o amor porém é o encontro em terra de ninguém
de vidas nuas e abertas à mudança
e mesmo se a paixão for intensa não se permita a batalha

[sangrenta

tenha-se a coragem de abolir a submissão não sejamos nunca

[desertores

vencedores ou vencidos morramos ou sigamos vivos

assim ia pensando à medida que a leve obscuridade nocturna
[declinava
entrando pelo duplo vidro a luz diurna do Outono em Agosto
os olhos transidos presos na alvura da parede onde ela se reflectia
iluminando a sua perspectiva amolecendo as palavras sossegando
[o coração
até rumorejarem ao ritmo da chuva lá fora e adormecer de
[cansaço

Die Romanze in der Weisestrasse

nem a gabardina nem o guarda-chuva evitaram nessa tarde a
[maré
há meses a subir e sedimentando a fadiga ao longo do teu corpo
soçobrar-te mal nos juntámos num amplexo o teu rosto buscou o
[sossego
do meu peito e o teu choro juntou-se à morna bátega caindo em
[Hermannplatz
para além da dor também certas doações são propriedade privada

partilhadas na intimidade mesmo quando o u-bahn está cheio
bastou mantermos o abraço e o teu rosto voltado para a janela
onde pela parede correm os cabos que dão vida a estes Leviafãs
e enquanto avançávamos talvez imaginasses a ficar
para trás essa angústia que te cerca os dias e as noites

como seria bom imagino-te ainda a pensar
agora que escrevo isto e já o nosso abraço se soltou
que a cada estação passada os tormentos abandonassem
a carruagem agarrados aos passageiros como fungos
às altas árvores e só nós ainda restando nesse abraço

o qual durou a curta viagem a Boddinstrasse à saída
ofereceste-me um mapa plastificado para nem mesmo sob a
[chuva
as tuas ou as minhas lágrimas me perca e saiba sempre voltar
a ti e fizeste-me levar-nos a Weisestrasse onde um Ozu da
[década de 1930
nos mostraria que numa fatídica noite de uma criança
[equilibrando-se febrilmente

entre a vida e a morte bem e mal são posições intermutáveis
[tomadas
face a um comum sentimento cuja proximidade distância ou
[presença
de laços sanguíneos nada significam – na sua forma humana
Deus e o Diabo têm um coração e partem de madrugada
compartindo um cigarro representando a farsa da amizade

e assim é até ao virar da esquina e desaparecerem do nosso olhar
tal como nós do de toda a gente enlaçando as mãos
caminhando pelo pavimento húmido tornado céu nocturno
de tão negro e refractando estelaramente todo o tipo de luz
e é sobre esta via irisada que novamente caio com o teu passo
[batendo ao fundo

as pernas torneadas e elevadas pelas curtas botas realçadas
[sedutoramente
o corpo rasgando o breu no cingido vestido e tua maviosa voz por
[toda a Urbanstrasse
e no labirinto dos meus ouvidos falando já não de pesadelos antes
[dos sonhos
que tu e eu e nós desejamos ternamente para além do bem e do
[mal
da vida e da morte e de Deus e o Diabo que fumam os cigarros
[que nós já não

porém a caminho de Wilmsstrasse o problema posto para o
[passeio era duro e difícil
pois uns sonhos por vezes chocam na sua imaterialidade com
[outros
é-se novo demais para enraizar e velho demais para partir
mas se nada fazes olharás para trás e passarás os últimos anos
[lamentando-te
e um trabalho é para viver ou para sobreviver? é para a aventura
[da vida

ou o encobrimento da miséria? e tudo isso pesado na balança do

[amor

que resposta poderás dar? é o medo ou a indecisão que te

[silencia?

é a subida de contínuos degraus até à tua cama nas nuvens

a tua presença em todo o lado no escuro do teu quarto e a aposta

[cega no futuro

mais ainda se na separação do sono tu me procurares e o abraço

[durar até ao dia que vem

Abschied vom Sommer in Zinnowitz

despedimo-nos desse velho sem grande pomposidade
afinal o que poderíamos fazer desde Agosto se arrastava
moribundo em silenciosos estertores fulminando-nos
com breves alusões do que ansiava ter sido: apresentador
de cenas dos próximos capítulos adiados para o ano seguinte

digo velho e exagero era um moço trigueiro
um adolescente com orgasmos precoces
como quase todos os homens que não são actores porno
se afogam numa onda de desejo por aquela mulher
que os enlouquece até aprenderem a língua dessa loucura

ou como surfistas deslizarem ao longo dessa torrente
qualquer que seja a sua dimensão
suspeitando sempre da possibilidade de serem tolhidos
e morrerem sob a pressão a força o turbilhão
disso que os arrasta irresistivelmente para o abismo

despedimo-nos atravessando essas verdes regiões
outrora reinos e burgos independentes da antiga Prússia
e da cidade capital rumámos a nordeste onde o mar se agiganta
do cosmopolitismo babélico passámos para os campos
e as particulares arquitecturas de Brandenburg e Mecklenburg

que estranha impressão todo este cenário suscita
como se apelasse a que te transformasses
num oitocentista Robison Crusoe
ou num jovem Marcel em Balbec
sendo que a diáfana nuvem de raparigas se resume a uma só

quando caminhas a seu lado ou pouco atrás
pelas ruas de Zinnowitz saindo da floresta
e entrando pelo areal onde o mar serena
toda a inquietação dos dias tempestuosos que vos desencontraram
ar e água separavam-se por uma diferente matiz de cinzento

definida por uma textura cedo desmaterializada
tornando a abóbada a seu tempo mais líquida e o mar
um céu metamorfoseado ou sombrio espelho
sentados na areia observando a brincadeira das nossas raparigas
e antes que a diferença se desvanecesse questionei-me

se tudo afinal não caminha para aí
não em direcção a um todo homogéneo e indiferenciado
mas para um mundo heterogéneo de diferenças misturadas
cujas suas afirmações são somente serem não será isto
o que nos diferencia a ti e a mim um mínimo inapreensível

dois grãos como sendo cada um uma possível expressão da *vida*
uma textura ou matiz caminhando deitando sonhando juntos
ligeiramente maiores que esses sobre os quais nos sentámos?
depois de almoçarmos os nossos passos guiaram-se pelos dos
[turistas
e sob forte vento entrámos mar adentro sobre um pontão rangente

suspensos no horizonte como entre passado e futuro:
mergulhando nas águas um ascensor submarino dar-nos-ia
os segredos profundos mesmo nesta diurna escuridão
enquanto por trás de nós praia e floresta assim me pareceram
davam-se como tela impressionista segundo a fotografia tirada

retornando a uma das praças a nossa expedição deparou-se
com a ruína de um centro ou teatro erguido classicamente
deixado ao abandono excepto pelas heras e demais plantas
um elogio à decadência da cultura ou simplesmente um exemplo
de uma obra desnecessária face ao desinteresse geral

um pouco como este desnecessário poema que mais não é
do que a recordação de uma viagem no fim do verão
ou a continuação e extensão da expressão da *vida* que eu sou
e de como me ligo a ti e ao mundo através de palavras

[inexemplares
matizadas com o mesmo cinzento desse dia

na volta as dúvidas persistiram ondas do mar interior
rebandando no cérebro e na garganta e tão descrente
das dualidades tendo-nos dirigido para o norte passando pelo sul
e indo para o sul cruzando o norte de olhar perdido na estrada
que corre por baixo e nas luzes que vão e vêm

desassossegado uma vez mais te pões em causa:
quando fazemos a viagem para o amor temos necessariamente
de atravessar as regiões do ódio da inconstância
quase afogarmos ou morrermos de abstractas sede e fome
em territórios inóspitos sós ou mesmo acompanhados?

e sem dar descanso novamente te derrubas:
sabes haver sempre outros caminhos
ou como o teu antepassado em melhor verso afirmou
amador o amor faz-se amando e nas trevas do carro
quando todos dormiam deste-lhe a mão crendo no futuro da

[viagem

Nota conclusiva

Este livro poderia não ter fim, sempre mais um poema se lhe juntaria, se lhe pode acrescentar, porque há sempre uma viagem a realizar-se, de um país para outro, de uma cidade para outra, de uma rua, ou o atravessar de uma janela, ou ainda sem sair do seu lugar e tudo voga, vagueia, vadia no interior dos olhos, cada vez mais para dentro até a viagem ser todo o corpo num movimento singular e dificilmente percebido por quem o vê. E há também a partida e a chegada, o encontro e o desencontro das vidas, de uma nela mesma, de duas numa só, cada um seguindo o seu trilho, cruzando-se, perdendo-se uma da outra para se juntarem mais adiante.

Este livro está, portanto, entre o partir e o chegar e, também, o permanecer. É sobre movimento, mesmo esse que surge quando nos encontramos sentados, ou de pé, ou deitados a escrever e o dito movimento, esse fisicamente expresso de um corpo deslocando-se de um ponto A para um ponto B, ocorre ao nosso redor, ao lado, do outro lado da janela, ou então este, nada tido como movimento, ou sequer dança, da mão segurando a caneta ou o lápis, ou martelando digitalmente – analogicamente com os dígitos, as impressões digitais nas falangetas – o teclado. É sobre a vida¹ e é sobre o amor.

Movimento, amor, vida não se juntam nem se complementam com

¹ Vida «pessoal», é certo, mas, igualmente, uma qualquer, porque o leitor pode ainda tomar o «eu» que surge aqui e ali nos poemas e, imaginariamente, torná-lo seu; é que mesmo sendo *eu* esse «eu», nunca é demais afirmar que *já é outro*, que o que aqui se encontra escrito é mais e é menos, simultaneamente, do que aquilo que foi vivenciado, pois a passagem dos afectos e dos perceptos experienciados, restando a vibrar no corpo, para a linguagem, justamente por passarem pelo crivo de um código, são transformados, bem como, devido a essa passagem e no instante dessa passagem, (se) abre uma fenda naquele que diz «eu».

o advérbio «também», falamos afinal da mesma coisa, desenrolando-se em Lisboa e Berlim.

Eis pois um seu princípio. Um coração tinha sido partido e, tomado por essa desolação, partiu em viagem para a cidade de Lisboa. Aí está, desde logo nesse princípio movimento, amor e vida, sendo uma só e mesma coisa, pulsando para lá da tristeza que estrangulava o coração. Lisboa acolheu-o e deixou-o deambular-se por ela, nela, permitindo no seu seio que esse coração traçasse um mapa afectivo, tantas e tantas vez percorrido. E eis que, nessa cidade, o coração é cativado – atraído e tornado prisioneiro, captado e inserido num cativo, que é todo o romance que ainda hoje se desenrola – por uma mulher que veio de Berlim e que estendeu a ponta de uma frágil linha (pois cedo seguiu a sua viagem de retorno), tecida pelos dois e encordoada ao longo de um par de anos. O coração tomou uma nova forma e decidiu, cada vez mais cativado, cada vez mais nesse cativo, partir (não a linha ou corda afectiva) para a cidade de Berlim. Daí a razão, afiançada no início deste texto, de que estes poemas não tratam de Lisboa, nem de Berlim. Estes poemas são as notas de rodapé, ou a legenda de um guia que um viajante pudesse ler ao passear por uma ou outra cidade. São um certo tipo de legenda ou nota de um estranho mapa. As duas cidades são a moldura e a paisagem, enquanto os poemas, inseridos ou nelas projectados, são uma dança de palavras e afectos ocorridos.

Talvez o filósofo esteja certo; a Idade dos Poetas – esses que na sua escrita aliavam um certo pensamento filosofante e a poesia; e eram e foram e são ainda, por aqueles que ainda hoje lêem, ou teimam em ler poesia, amados ou odiados; amados porque os seus poemas, bastas vezes, conseguiam alcançar essa dimensão quase universal mostrando a humanidade e não este (o poeta) ou aquele (um qualquer) homem ou mulher particular; odiados porque, igualmente bastas vezes, as suas vozes

cadenciadamente se tornavam herméticas, ou espúrias (no sentido de despojadas e privadas), fazendo com que o leitor se deparasse com um deserto, ou espelho no qual o reconhecimento, de si ou dessa humanidade, se tornou impossível – acabou. Mas isso não quer dizer que a poesia tenha terminado, ou que não haja ainda pensamento nela. Estes poemas não fazem parte de Idade, dessa época e igualmente não procuram fazer parte da poesia opinativa da realidade, mesmo se nela esteja imersa. Por favor não tomem esta afirmação por arrogância, uma vez que também não estou a realizar qualquer julgamento de valor acerca desta (desses poemas) ou de qualquer outra poesia, simplesmente apresento um facto e procuro evidenciar que, ao lado de fortes correntes, há vozes minoritárias nas franjas, as quais, o mais das vezes, são remetidas ao silêncio por não participarem nos cortejos literários, nem alimentarem a vida privada desse mundo particular – a função da poesia ou da literatura (mesmo que se argumente acertadamente que estes poemas continuamente falham no cumprimento da sua função), cremos ainda, não trata da produção de um mundo particular habitado selectivamente por grupos de produtores literários de vários tipo e críticos. Talvez já não cumpra o sonho iluminista do progresso da humanidade, essa função ideológica há muito que cessou (já não vivemos a Idade dos Poetas), mas de certo que a manutenção desse mundo particular, pactuante com a ideologia que mais tarde ou mais cedo eliminará a criação da vida, não é o caminho que procuramos. O nosso desejo é que estes poemas descubram o seu lugar num espaço entre esses que perfazem a «Idade dos Poetas» e o particular da realidade, sendo que, a menos que falhemos também esse propósito, somente opinaremos sobre a nossa vida, de modo a que fora da poesia nos transformemos.

Escrevemos para nos transformarmos e produzirmos um sentido à nossa vida; e estes poemas, assim pensamos, cumprem essas duas funções.

ÍNDICE

mapa de um coração solitário (Lisboa)	6
Praça Olegário Mariano	7
Rua Heróis de Quionga	8
Jardim Constantino	9
Graça	10
Rua de Santa Apolónia à dos Bacalhoeiros	11
Cais do Sodré	13
Jardim da Estrela	14
Alameda Cardeal Cerejeira	16
Praça José Fontana a S ^o Bento via Praça de Espanha	17
Arco do Cego	19
Avenida Almirante Reis	21
uma edificação da queda em Sesimbra	22
mapa de um coração cativo (Berlim)	24
Du kommst mit der Nacht	25
Abschied vom Tabak	26
Die andere Penelope	27
Grünewald und Havel	28
Kreuzberg im Herzen	29
Ein Kuss am Fenster	31
Liebe im Schatten eines Olivenbaums	32
Wieder im Schatten eines Olivenbaums	33
Askese in der Altenbrakerstrasse	34
Durch St. Thomas Kirchhoff II Weg oder die Luftwurzeln des Herzens	35
Der Alptraum in der Urbanstraße	36
An der Jannowitzbrücke verloren	39
Von der Natur des Tageslichts in der Prühßstraße	41
Die Romanze in der Weisestrasse	43
Abschied vom Sommer in Zinnowitz	47
Nota conclusiva	51